

Os estrangeirismos no léxico português – Uma perspectiva diacrónica

Madalena Teles de Vasconcelos Dias Teixeira*

RESUMO: Este texto insere-se no domínio lexical, em particular no âmbito dos estrangeirismos, e adopta uma perspectiva diacrónica. O objectivo foi demonstrar que a Língua Portuguesa desde cedo se manifestou receptiva à entrada de palavras estrangeiras e que, por esse motivo, este fenómeno linguístico não é recente. Assim, pretendendo simultaneamente evidenciar o carácter dinâmico da língua, iniciou-se por mostrar que substratos e superstratos são o reflexo não só da História da Língua, mas também da História de vários povos, uma vez que sucessivas vagas foram deixando o seu cunho linguístico na Península Ibérica. Relativamente a os Latinismos mostrou-se que o passado não desvanece, tendo tido os falantes o poder de uma espécie de revitalização anímica aquando da época do Renascimento. Os sessenta anos sob domínio espanhol também tiveram consequências linguísticas, uma vez que se viveu um período em que a Língua Portuguesa e a Língua Castelhana conviviam lado a lado. Os grandes herdeiros da Língua Latina – os italianos – legam à Língua Portuguesa contributos de índole linguística, sobretudo, no domínio artístico. No que concerne aos galicismos e aos anglicismos importa sublinhar que as “importações” são o resultado de uma conjuntura económica, política e, conseqüentemente, linguística vivida em países onde é falada. Muitos são os puristas que utilizam a língua como estandarte da nação. Mas, afinal, através desta perspectiva histórica, verificamos que a entrada de estrangeirismos é um processo que já vem do passado, sem que por isso houvesse perda de identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Estrangeirismos; fenómeno linguístico; diacronia; identidade.

* Instituto Politécnico de Santarém – ESE; Universidade de Lisboa – CEAUL – madalena.dt@gmail.com

1. Os estrangeirismos no léxico português¹

Este trabalho pretende mostrar que a língua portuguesa se apresenta como o resultado de uma série de processos linguísticos que foram decorrendo ao longo de uma tradição secular e que, entre esses processos, encontramos, de forma inequívoca, o uso de palavras estrangeiras. Não é nossa intenção, no entanto, proceder a uma reconstituição das diferentes fases pretéritas do léxico português, na medida em que essa tarefa cabe à história da língua portuguesa, que se insere num campo denso e complexo, devido a um grande número de problemas que lhe são inerentes.² Clarinda Maia (1992, p. 365) explicita, aliás, este aspecto, salientando que as línguas se caracterizam por um dinamismo constante e que, por tal motivo, não se conseguirá atingir a reconstituição total das fases passadas de uma língua histórica, pois “é a partir de textos escritos e com base neles que se deve proceder à reconstituição do processo evolutivo, tendo, porém, sempre presente que qualquer reconstituição é sempre necessariamente incompleta e imperfeita”. O presente capítulo tem, apenas, o propósito de tecer breves considerações acerca da trajectória das palavras na língua, ajudando a esclarecer fenómenos linguísticos em curso no português actual, como é o caso da entrada de estrangeirismos na língua portuguesa.

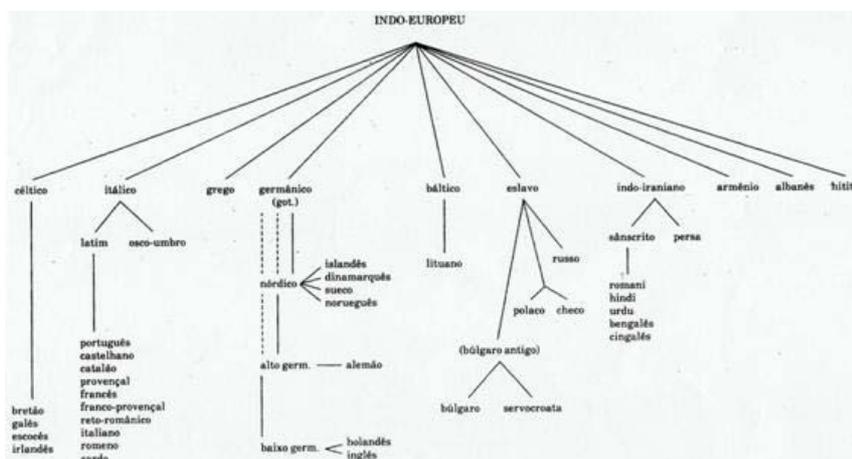
¹ Esta pesquisa faz parte da obra *A entrada de estrangeirismos na língua portuguesa*.

² Adrados (1975, p. 9) enfatiza as dificuldades que se colocam em situações como esta, alegando que “...es difícil trazar pinturas absolutamente coherentes de los dialectos...”. Também Piel, (1989, p. 9), partilha da mesma opinião “Como sucede com o léxico das demais línguas de cultura, nunca será possível reconstituir todas as fases por ele percorridas e destringir a contribuição das muitas gerações que nele colaboraram até se constituir o magno edifício que hoje se nos depara nos grandes dicionários modernos”.

É totalmente aceite em toda a comunidade científica que o latim deu origem³ à língua portuguesa, nomeadamente, por via de uma modalidade crono-estilística, denominada “latim vulgar” ou “coloquial tardio”. Verificamos que existem vestígios lexicais legados por outros idiomas (Castro, 1991; Silva Neto, 1992; Vilela, 1994), para além de formas de superstratos que ainda convivem nos nossos dias. Contudo, é necessário sublinhar que “o problema do Latim deve ser encarado no conjunto” (Silva Neto, 1992, p. 108). Há, ainda, que considerar a heterogeneidade da renovação das línguas já existentes, uma vez que a romanização não se processou, do mesmo modo, em todo o Império,⁴ isto é, por vezes, a mudança sofrida operacionalizou-se paulatinamente e, outras vezes, verificou-se de forma profunda e rápida:⁵

“...se efectuou em distintas épocas e condiciones para cada región. Iniciada en la Bética y la Tarraconense, hubo de formarse en ellas el sedimento lingüístico que fue llevado al interior. En la Bética, apartada y culta, patria de retóricos y poetas, se hablaría seguramente un latín conservador, purista en cierto grado. En cambio, la Tarraconense oriental era ruta obligada de legionarios, colonos y mercadores; es de suponer que acogiera una población flotante que se expresara con descuido, traería novedades de lenguaje y propendería sin duda al neologismo” (Lapesa, 1984, p. 105).

³ Sobre a origem do português, veja-se o seguinte esquema proposto por Castro (1991, p. 78):



⁴ Maia (1995, p. 50) salienta que “A substituição dessas línguas pelo latim não foi repentina, mas prolongou-se durante um período mais ou menos longo, conforme os casos. Ao passo que, nalguns territórios, a romanização se efectuou de modo rápido e profundo, noutras, pelo contrário, foi lenta, difícil e tardia”.

⁵ Por este motivo, Maia (1995) refere que “o período de bilinguismo apresentou, nas várias regiões, distintos graus de duração” (p. 50).

Jordan e Manoliu (1972) alertam, inclusivamente, para as consequências que o factor bélico acarreta, pois os exércitos eram constituídos por soldados pertencentes a categorias profissionais distintas e iam incluindo no seu conjunto soldados que foram conquistados. Estes grupos de soldados tinham em comum a língua que era actualizada de acordo com os conhecimentos de cada um, tendo como consequência oscilações à língua veiculada pelos romanos propriamente ditos. Deste modo, devemos considerar que a evolução de qualquer língua⁶ é o produto de um conjunto de processos de renovação e a fala e o contacto entre falantes é que a tornam viva. Casteleiro (2001, p. IX) sublinha que “A LÍNGUA FALADA por um povo é um organismo vivo, enriquecendo-se quotidianamente no contacto dos seus falantes com novas realidades da existência e até com falantes de outros idiomas”.

A Sociolinguística aponta influências de cariz externo ao sistema⁷ (política, sociedade, geografia, cultura) como factores motivadores da evolução. Trata-se de uma disciplina multifacetada, uma vez que inclui itens, que se prendem com a Sociologia da Linguagem, com a Estilística, com a Etnografia da Comunicação, entre outros (Matias, 1995).⁸ Contudo, apesar de defendermos uma teoria sociolinguística, não devemos esquecer a importância das influências internas e de carácter sistemático.⁹ Assim, os factores externos não modificam o sistema, mas, por vezes, podem implicar algumas mudanças.

M. Casteleiro, a propósito, referencia que é necessário defender a língua, “mas sabendo que os novos vocábulos e até termos novos de outros idiomas ou estrangeirismos, uma vez integrados e afeiçoados ao cerne da lín-

⁶ É por este motivo que Humbolt, referido por Maia (1992), fala na relação *energeia/ergon*.

⁷ Lass (1997) considera que factores sociais como a idade, a classe social e sexo contribuem para a alteração linguística de cada falante, colocando-se perante essa mesma mudança numa perspectiva deturpadora “*The joys of junk: decomposition and bricolage*” (p. 309), e numa perspectiva de progresso “*Useful [...] features can be exaplated too, and this can lead to massive innovation*” (p. 318). A propósito deste tema consulte-se Labov, W. (2001). *Principles as Linguistic Change*. Oxford: Blackwell Publishers.

⁸ A linguista, no mesmo documento, alerta para que o facto de que se por um lado, as várias “faces” da Sociolinguística são uma vantagem, porque podem “abarcar tendências diversas, tornando-se um campo com limites difusos, exercendo o seu fascínio sobre um número cada vez maior de investigadores...”, por outro lado, “...acarreta também o perigo de uma fragmentação excessiva...” (p. 13-14). Posta esta problemática, e de acordo com Matias (1995), parece-nos que a melhor forma de análise, sob o ponto de vista sociolinguístico, é considerá-lo no seu sentido lato e no seu sentido restrito, posicionando-se o investigador na área específica que pretende trabalhar.

⁹ Marquilha (1996) alerta igualmente para esta necessidade de considerarmos factores sistémicos que reportam à intralinguística e factores exteriores ao sistema que radicam numa área de cariz social, na medida em que as línguas são um diassistema complexo, constituído por vertentes sistémicas e históricas inerentes a qualquer língua natural.

gua falada, não a corrompem nem a poluem lexicalmente” (Casteleiro, 2001, p. X). Evidência desta afirmação é a existência de vagas sucessivas de palavras de influência estrangeira na língua portuguesa que contribuíram para a sua renovação e para a sua evolução. Os substratos e os superstratos, bem como as inovações nos séculos XVI e XVII com registos de castelhanismos, no século XVIII com fortes penetrações de Italianismos e Galicismos, no século XIX marcado, sobretudo, por galicismos, e no século XX com forte incidência em palavras de origem inglesa (anglicismos) são o exemplo do “mosaico” que reveste os dicionários e a própria língua.

Segundo Silva Neto (1992), as situações de substrato ocorrem devido à assimilação total e devido ao facto de a segunda língua ser aprendida por sujeitos que mantêm a mesma posição geográfica onde actualizavam a primeira língua “...o caso em que a aquisição da nova língua é feita por indivíduos que se mantêm no território onde falavam a língua precedente – caso em que verdadeiramente se pode falar de *substrato*” (p. 42).

Os substratos peninsulares podem ser classificados do seguinte modo: substratos pré-indo-europeus e substratos europeus (Castro, 1991). A primeira situação oferece-nos uma amostra oriunda dos povos do Cáucaso e da Europa. Baldinger (1972) designa estas línguas como proto-basco. Os povos que entraram pelo Norte eram, culturalmente, mais desenvolvidos e, também, deram a sua contribuição, no que concerne aos substratos pré-indo-europeus – Fenícios, Iberos e Tartéssios. Relativamente à segunda situação, o maior contributo linguístico veio dos Celtas. O substrato proto-basco, cuja localização geográfica se estende entre a zona da Galiza e os Pirinéus, embora não haja certezas quanto à sua origem e quanto à intensidade com que se instalou, sabe-se que legou grandes vestígios linguísticos. Veja-se o caso de *esquerdo* e *cama* que têm, actualmente, a sua realização no Basco como *esker* e *Kame*. No que respeita ao substrato fenício sabe-se que se deve ao povo que se estabeleceu “nas costas meridionais da Península” (Castro, 1991, p. 141). Como exemplo de alguns registos lexicais fenícios temos: *barca*, *atum*, *saco* e *mapa* (Vilela, 1994, p. 15). O substrato ibérico tem a sua origem num povo do Norte de África que esteve na Península e, mais tarde, instalou-se em França. Algumas marcas lexicais deixadas pelos Iberos verificam-se na toponímia das zonas do sul de França, Catalunha e Aragão – *Chaparro* e *Tamujo*.

Assim, “um conjunto de povos que habitavam o sudoeste peninsular antes da chegada dos romanos” (Castro, 1991, p. 140) são a origem do substrato tartéssico. Este povo tinha como meio de subsistência o comércio de metais preciosos, aspecto que permite fazer considerações sobre o seu desenvolvimento económico.

As sucessivas camadas de povos invasores da Península (pré-celtas, celtiberos e celtas) resultam nos celtas. Como já referimos, estes povos deixaram-nos vestígios linguísticos indo-europeus que se podem confirmar em *brio*, *camisa*, *carro*, *cerveja*, *saia*, *Conímbriga* e em outros topónimos com a mesma terminação – *briga*.¹⁰ Também de salientar o prefixo – *pen* que abunda, igualmente, na toponímia – *Penela*, *Penafiel*, *Penalva*, *Penedono*, entre outros (Silva Neto, 1992, p. 308). Silva Neto (1992) indica, ainda, com a mesma origem, *soga*, *tascar*, *toucinho*, *trapo*, e *troço* (p. 305-306).

À semelhança dos substratos, os superstratos ocupam um lugar de relevo na evolução da língua em foco. Vilela (1994, p. 16) define superstratos como “elementos que, aliás como aconteceu com os substratos, se adaptaram fónica e formalmente à língua recebedora dos novos elementos, submetendo-se ao novo meio linguístico”. O final do Império Romano e as consequências daí resultantes permitiram que a Península, por motivos de localização geográfica, se tornasse num local aprazível e convidativo para a fixação de outros povos. A presença dos visigodos e dos suevos são testemunho dessa permeabilidade. Já romanizados, os Visigodos¹¹ invadiram a Península e, numa fase inicial, não procederam a alterações sociais e administrativas do território, inclusivamente não permitiram uniões matrimoniais entre “godos e hispano-romanos”.¹² A situação em causa resultou numa manifestação linguística caracterizada por alguns empréstimos vocabulares. Posteriormente, por ocasião da abolição da lei que proibia a miscigenação entre estes povos e da ruptura com o *Código de Toledo*,¹³ nasceu um ideal de unidade hispânica, alterando-se significativamente a situação vivida anteriormente (Lapesa, 1984). Podemos, assim, encontrar o superstrato visigodo, sobretudo em topónimos¹⁴ – *Gondomar* e *Guimarães* – e antropónimos¹⁵ – *Afonso*, *Álvaro* e *Fernando* (Castro, 1991, p. 151).¹⁶

¹⁰ Para melhor esclarecimento consulte-se Silva Neto, *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Dinalivro, 1992.

¹¹ Sobre os Visigodos, Menéndez Pidal (1976, p. 503) diz-nos o seguinte: “*En la corte visigoda los más doctos hablaban un latín escolástico como el que escribían san Julián, san Ildefonso o san Isidoro. Los cultos que no tenían estudios especiales hablaban, sin duda, un latín vulgar muy romanceado...*”.

¹² Esta lei manteve-se até meados do século VII. Cf. Baldinger (1972); Lapesa (1984); Silva Neto (1992).

¹³ Neste código pode verificar-se a grande influência do direito canónico e romano.

¹⁴ A este propósito veja-se Piel, “Toponímia Germânica da Península Ibérica”. In: *Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989, p. 149-172.

¹⁵ A este propósito veja-se Piel, “Antroponímia Germânica da Península Ibérica”. In: *Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989, p. 129-147.

¹⁶ De entre os autores consultados, Castro é o único que refere a existência de mais dois tipos de superstrato: superstrato franco e superstrato burgundo, Idem, ibidem.

Aos topónimos mencionados, Paul Tessyer (1993, p. 18) acrescenta os seguintes: *Gomesende*, *Guitiriz* e *Sendim* e aos antropónimos – *Gonçalo* e *Rodrigo*. Salienta, ainda, vocábulos de outras áreas lexicais como o vestuário, onde destaca *fato*; animais, sublinhando *ganso* e *marta* e inclui termos linguísticos como *branco*, *brotar*, *agasalhar* e *gana*; *guerra*, reportando-se a *espiar*, *roubar* e *guerra*. A maior intensidade, no que respeita a marcas de toponímia, regista-se entre o norte de Portugal e a zona da Galiza, uma vez que estes territórios foram o refúgio do povo visigodo durante a invasão árabe (Lapesa, 1984).

Sobre os Suevos, como refere Baldinger (1972), as suas marcas linguísticas não foram de relevo para os povos que habitaram a Península, talvez pelo facto de terem sido “anexados” pelos Visigodos, que, afinal, unificaram a Península no final do século VI, pois os registos que se encontram provêm, essencialmente, de antropónimos e topónimos e situam-se, sobretudo, na área galego-portuguesa. Por seu lado, Silva Neto (1992, p. 317) apesar de, igualmente, defensor da mesma ideia da pobre influência linguística sueva, pondera *broa* e *feltro*. Também dentro dos superstratos e, não menos importante do que os germanismos, são os arabismos.

O ano de 711 d.c., considerado avassalador para os habitantes da Península, conduziu ao fenómeno de fragmentação linguística. Note-se que a invasão árabe reflectiu-se no território a vários níveis: político, social, religioso e, naturalmente, linguístico. De acordo com Lapesa (1984, p. 129) os “Hispano-Godos” tiveram posturas distintas: uns permaneceram no sul da Península, outros deslocaram-se para o norte (actual zona das Astúrias). No entanto, para além desta nova situação geográfica, e consequentemente política, os Moçárabes¹⁷ eram um grupo de grande coesão e pouco flexíveis na receptividade da religião, tradições e língua, aparentando grande conservadorismo. O contacto entre estes e os cristãos que se refugiaram no sul existiu durante séculos (Silva Neto, 1992). Silva Neto (1992)¹⁸ denomina o contacto linguístico entre estes dois povos como “adstrato” (p. 336).

A consequência deste contacto é o facto de o léxico peninsular registar um grande número de palavras árabes que, por sua vez, se reveste do exotismo dos falantes moçárabes. A Música, a Medicina, a Matemática, a Filo-

¹⁷ Tessyer (1993) afirma que *moçárabe* é uma “palavra derivada de um participio árabe que significa «submetido aos Árabes» (p. 6).

¹⁸ O termo “adstrato” não é alvo de grande atenção, por parte de Serafim da Silva Neto na *História da Língua Portuguesa*. O autor limita-se à já mencionada situação. Mário Vilela, em *Estudos de lexicologia do português*, tem um posição idêntica à de Silva Neto, no que respeita a este tema. Faz uma breve referência à sua existência, mas não a explora, nem a define. Na bibliografia consultada para este capítulo, mais nenhum investigador menciona os *adstratos*.

sofia e a Arquitectura são áreas do léxico onde Lüdtke (1974) identifica arabismos e Baldinger (1972) acrescenta as áreas da Química, Astrologia, Alquimia e Astronomia.

Observemos o seguinte quadro, que se encontra sistematizado por áreas lexicais e com abundante exemplificação (Silva Neto, 1992):

Áreas lexicais	Exemplos
Guerra	<i>Alferes, anadel, atalaia, adarga, alfange, alardo, alarido, algararra, azagaia, ginete.</i>
Mar e embarcações	<i>Almirante, arrais, arsenal, falua, tafueira, xaveco.</i>
Justiça, administração e impostos	<i>Alvazir, alcaide, almoxarife, alfândega, alcavala, adiafa, alfitra.</i>
Casa, ferramentas e ofícios	<i>Alcova, aldrava, algeiros, alicate, alicerce, alfageme, alfaiate, almoçaça, andaime, argola, tabique.</i>
Vestuário	<i>Albornoz, aljuba, almexia, ceroula, marlota.</i>
Indústria	<i>Açafate, alamar, albarda, alcatifa, alfinete, alforge, almofada, almofariz, baldaquim, saneja, toldo.</i>
Agricultura	<i>Açacaia, açude, azenha, nora.</i>
Plantas e flores	<i>Açafrão, açucena, alecrim, alfazema, algodão.</i>
Frutas	<i>Alfarroba, azeitona, bolota, laranja, limão, romã, tâmara, tremoço.</i>
Comida	<i>Acepife, açorda, açúcar, aletria, almôndega, arroz, regueija.</i>
Bebidas	<i>Almece, xarope.</i>
Instrumentos de música	<i>Adufe, alaúde, rabeça, tambor.</i>
Toponímia	<i>Albufeira, Alcântara, Aljama, Algarve, Almada, Alverca, Alvor.</i>
Pesos e medidas	<i>Alqueire, arroba, quintal.</i>

Quadro 1 – Arabismos

Os elementos linguísticos fornecidos por Silva Neto (1992) oferecem uma visão de carácter global da profundidade da penetração linguística¹⁹ dos povos árabes no mundo peninsular. Os moçárabes, para além destes registos, legaram, ainda, outro contributo à cultura linguística Europeia – as “muáxas”. O mesmo autor sublinha que o detrimento da poesia provençal se deve ao facto de as “muáxas” serem a primeira poesia lírica da Europa (Silva Neto, 1992, p. 339).

Este tipo de poesia versa sobre paixões de jovens raparigas e apresenta um carácter popular, aspecto que nos conduz ao pensamento de que as “mu-

¹⁹ Note-se que os vocábulos apresentados são todos substantivos e que neles predomina o prefixo – *al*, que era equivalente ao artigo definido.

áxas” são a origem das Cantigas de Amigo (Saraiva, s/d),²⁰ fortemente, veiculadas pela poesia lírica trovadoresca galego-portuguesa. Veja-se o seguinte exemplo:

“Vaise mi (b) coraçon de mib /
ya Rabbi! Si se tornarad? /
Tan mal mi doler algarib ! /
Enfermo yed; cuán sanarad?”²¹

(In: *Crestomatía del Español Medieval*)

Tessyer (1993) não hesita em afirmar que, embora indirectamente, a existência dos muçulmanos na Península é a origem do nascimento do reino de Portugal e do nascimento linguístico do Galego-Português (“oeste”), do Catalão (“leste”) e do Castelhana (“centro”) (Tessyer, 1993, p. 5), na medida em que o grande fluxo de povos árabes, realizado a partir dos moçárabes e da sua supremacia científica e cultural, em alguns aspectos, e a Reconquista Cristã, contribuíram fortemente para o acontecimento anteriormente referido.

1.1. Dos latinismos aos anglicismos: léxico em diacronia

O nascimento do Império iniciou-se, no século XV, com os descobrimentos portugueses – Madeira (1418) e Açores (1427), logo após a conquista de Ceuta, em 1415. A presença no Norte de África, o virar do Cabo da Boa Esperança e a consequente chegada à Índia contribuíram para a “renovação” da sociedade quinhentista. Esta “nova sociedade” caracterizada por um pensamento mais inquiridor e aberto, questiona valores escolásticos, tidos como verdade universal e inalterável, focalizando a sua atenção no Homem – antropocentrismo – “substituindo a subtileza lógica pela elegância verbal” (Saraiva, s/d, p. 176), surgida em Itália no século XVI, através do movimento Renas-

²⁰ Como menciona Saraiva (s/d), “A existência de uma herança tradicional hispânica preservada nos cantares de amigo parece atestada já no século XI pelas *carjas*, designação árabe dos remates de certas composições de autoria e língua árabes ou hebraicas escritas entre meados do século XI e o final do século XIII. Estas *carjas* são constituídas geralmente por um ou dois versos em língua moçárabe (isto é, em língua românica fortemente penetrada de arabismos, falada, como vimos, pela parte da população cristã sob o domínio árabe), conquanto seja árabe ou hebraica, a muaxafa (muwaxahat), ou corpo da composição; e consistem precisamente em fragmentos de cantigas de mulher que lembram muito de perto os caracteres das de amigo” (p. 53).

²¹ Cf. Pidal (1982, p. 23). A tradução que Silva Neto (1992, p. 339) apresenta é a seguinte: “Vai-se o meu coração de mim / ó Deus, acãso se tornará? / Tão mal é meu doer pelo amado! / Enfermo está, quando há de sarar?”.

centista. O pensamento veiculado pelos renascentistas tornou-se, então, numa forma de revitalização dos latinos e de toda a cultura greco-latina, servindo de fontes de inspiração para autores portugueses e estrangeiros. A língua de Camões é, assim, um marco cultural e ilustra o Classicismo Português. A “florescência” vivida pelo estudo da língua latina está patente no poema do Conde de Vimioso que seguidamente transcrevemos:²²

“Estudaes, & fogis de my,
Soes latyno,
que quedas daa o enssyno
do latym!
Trareis todo decorado
O Metamorfoseos
en trar-o’ei asonbrado
de rryr de vós
Coytado, triste ty,
Home mofino
que foste naçer en ssino
de latym!?”

(In: *Cancioneiro geral*, 1516, f. LXXXI)

Vázquez Cuesta (1971, p. 193) corrobora a ideia do gosto pelo latim através da forçada semelhança ortográfica, embora esta seja designada como etimológica. Fornece ainda exemplos de Latinismos²³ que se encontram, em particular, na literatura portuguesa. No entanto, e de um modo geral, estes exemplos não se fixaram na língua portuguesa, tendo sido a sua sobrevivência temporária – *lúcido, tuba, procela, trémulo, argênteo, canoro, malévol, dea*, entre outros. Nesta época, o uso de latinismos foi tão exagerado que Sequeira (1959, p. 143) não hesita em apelidá-lo de “prurido pedantesco”, destacando, também, alguns registos que não “tiveram aceitação” – *agilitar, dealbado, derelicto, excídio, inupta, lutulento, módio*.

1.2. Castelhanismos

Na realidade, a referência ao século XVI ficaria empobrecida se não mencionássemos o seu final – 1580. Esta data é o início do período que compreende o domínio Filipino em Portugal e que termina em 1640. Durante

²² Cf. Silva Neto (1992, p. 445).

²³ Estes encontram-se em produção literária camoniana.

estes sessenta anos, o léxico português sofreu a entrada de uma vaga de castelhanismos, sobretudo, em virtude da sua situação política. Tessyer (1993, p. 37) descreve este período como sendo de “bilinguismo luso-espanhol”. Esta situação de diglossia verificou-se através do contacto entre as cortes portuguesa e espanhola e dos casamentos que daí resultaram. Inclusivamente, a língua espanhola foi utilizada por muitos escritores portugueses como língua literária.

Acresce ainda sublinhar que “o predomínio da comédia de capa y espada, com músicos e bailados hispânicos, e das Novelas picarescas e cavalheirescas” (Vasconcelos, s/d, p. 323) conduzem ao uso de certos vocábulos, como por exemplo: *picaresco, sarabanda, fandango, tango, bolero, zarzuela, tertúlia, salero, sainete, camarote*, etc. (Vasconcelos, s/d, p. 323). A este conjunto de vocábulos, J. Piel (1989, p. 15) acrescenta outros, que se enquadram na área bélica – *cabecilha, caudilho e guerrilha* –, taurina – *ganadaria, bandarilha e muleta* – e vestuário e costumes – *tertúlia, chiste e mantilha*.

O dramaturgo português Gil Vicente é um dos responsáveis pela veiculação de castelhanismos na língua portuguesa, pois a sua obra revela uma forte inspiração na do castelhano Juan del Encina, imitando até mesmo a sua “linguagem dialectal” (Saraiva, s/d, p. 192). Para tanto, note-se a linguagem usada no *Auto da visitação*:

“Vaqueiro – Par diez! Siete arrepelones
me pegaron a la entrada,
mas yo di una puñada
a uno de los rascones.

Empero, si yo tal supiera,
no viniera;
y si viniera, no entrara;
y si entrara, yo mirara
de manera,
que ninguno no me diera.”

(*Auto de sua Visitação*. In *Compilaçam de Todas as Obras*.)²⁴

Apesar da presença inegável de palavras de origem castelhana, Sequeira (1959, p. 10) não considera que esta existência seja significativa, pois “apesar de vivermos paredes-meias, são relativamente reduzidas as importações”. De facto, se tivermos em conta as estórias e histórias transmitidas pelos nossos antepassados, não nos é difícil reflectir sobre as rivalidades que estes dois

²⁴ Cf. *Compilaçam de Todas as Obras de Gil Vicente*. Vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1983, p. 19.

povos viveram, ou ainda vivem. Duarte Nunes de Leão (MCMXLV, p. 310)²⁵ apresenta, para esta mesma opinião, motivos de ordem linguística e política, num capítulo intitulado “PORQUE OS PORTUGUESES NÃO VSURPARÃO TANTOS VOCABULOS DOS CASTELHANOS COMO TOMAÕ DE OUTRAS NAÇÕES MAIS REMOTAS”. O primeiro prende-se com os grafemas «m» e «n» – os portugueses usam a letra *m* onde os espanhóis usam a letra *n*, “Porque tudo o q os Portugueses pronunciaõ com a letra m os Castelhanos pronunciam pen...”²⁶; “& outra q faz muita dificuldade aos portugueses, que querem falar castelhano, que onde os portugueses conforme aos latinos dizem porta, porto, porco, torto, ovo, horto, os castelhanos per hum peculiar diphtongo *ne* dizem puerta, puerto, puerco, tuerto, huevo, huerto...”²⁷. O segundo elucida sobre a falta de harmonia entre as dois povos “...emulação que entre estas gentes houve...”²⁸.

1.3. Italianismos

Após a entrada de castelhanismos sucedeu-se a vaga de italianismos, sobretudo pertencentes à área das Belas Artes. Associado ao surgimento da Ópera, Carolina M. Vasconcelos (s/d, p. 323)²⁹ indica os seguintes vocábulos – “*bravo, da capo, fiasco, basso, soprano, tenor, contrabasso, adágio, allegro, crescendo, cavatina, cantata, violancelo*”. A mesma autora também refere “*charlatão, arlequim, girândolas, cicerone, bandidos, bancarrota, concurso*”. “*Piano, contralto, ópera* (área musical), *balcão, fachada* (área da arquitectura), *soneto, burlesco* (área da literatura), entre outros, são alguns exemplos que Piel (1989, p. 15) apresenta e com os quais, ainda, hoje convivemos quotidianamente.

Duarte Nunes de Leão na *Ortografia e Origem da Língua Portuguesa* (1983, p. 263-265) oferece alguns exemplos linguísticos sobre a presença de palavras estrangeiras, de origem italiana, no português – “*Abastança* (bastanza), *arenga* (arenga), *atiçar* (atizzare), *avisar* (avisar), *açagaia* (zagalia), *balcão* (balcone), *bada-lo* (bataglio), *barata* (baratti), *baixo* (basso), *bilhete* (boletino), *briga*³⁰ (briga), *ca-*

²⁵ Cf. LEÃO, *Origem da Língua Portuguesa*. Lisboa: Pró Domo, MCMXLV.

²⁶ Idem, *Ibidem*, p. 311.

²⁷ Idem, *Ibidem*, p. 312.

²⁸ Idem, *Ibidem*, p. 310-311.

²⁹ Vasconcelos salienta o facto de estes termos linguísticos terem duas vertentes – uma germânica e outra latina, Idem, *Ibidem*, p. 323.

³⁰ A palavra briga aparece-nos, anteriormente, como um sufixo legado pelos celtas. O que nos leva a crer que a língua italiana pode ter sido influenciada por este mesmo sufixo, dando-lhe um novo sentido gramatical – de sufixo passou a nome.

nalba (canaglia), *companheiro* (compagno), *cobarde* (codardo), *dança* (danza), *embarcar* (imbrocare), *enganar* (ingannare), *estandarte* (stendardo), *fralda* (falda), *ganho* (gadagno), *palrar* (parlare)”.

1.4. Galicismos

No que respeita a palavras de origem francesa, podemos considerar duas fases:

a) a primeira surge no século XIII, através da Lírica Provençal³¹ – cantares de amor – nascida na Provença. Como exemplos podemos referir alguns vocábulos que se encontram na *História da Literatura Portuguesa*: “*sen, cor, prez, greu*” (Saraiva, s/d, p. 50) e um excerto retirado da *Crestomatia Arcaica*:

“Hua donzela quig’eu muy gran bem,
meus amigos, assi Deus me perdom,
e ora iá este meu coração
anda perdudo e fora de sen³²,
por hua dona, se me ualha Deus...”

(Joan Soaires, Somesson^o80 C.B., 377 C.A)³³

b) a segunda está ligada à inevitável associação que existe entre uma língua e a História.

Ainda no século XVIII, o reinado de D. João V vive momentos de prosperidade, em virtude da descoberta do ouro do Brasil. Neste contexto de estabilidade política e económica surgem os estrangeirados, pois o monarca

³¹ Sobre os limites entre o provençal e o francês, veja-se Wartburg (1952). *La fragmentación lingüística de la Romania*. Madrid: Editorial Gredos, p. 96-138.

³² No glossário consultado observámos que existem dois usos para o termo linguístico *sen*. O primeiro caso apresentado explica *sen* como sendo a “1ª pes. do sing. do prés. do ind. de saber” e coloca a hipótese de ser um termo de origem galega “(galeguismo?)”. Cf. Nunes. (s/d, p. 597). O segundo radica no significado do termo como “juízo, pensar, opinião, modo de sentir; juízo bom [...]; locura”. Assim, para que possamos “sentir” a diferença optámos por transcrever outro excerto, onde *sen* adquire um significado diferente: “Sem muita bõa manha / que deu a un seu prelado, / que primado foi d’Espanha / e Affons’era chamado...”. Cf. Nunes. (s/d, p. 414). A este propósito consulte-se também: O *Cancioneiro da Ajuda* (1966), Edição Crítica e Comentada por Carolina Michaëlis de Vasconcelos; Blasco. (s/d). *Les Chançons de Pero Garcia Burgalés*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian – Centre Culturel Portugais; Piccolo. (1951). *Antologia della Lírica D’Amore Gallego-Portoghese*, Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane.

³³ Cf. Nunes (s/d, p. 226).

português considera necessário que a população portuguesa aumente o seu grau de conhecimento, criando, para essa finalidade, bolsas de estudo para quem merecesse ir até França. Os estrangeirados, como ficaram conhecidos na História, são outro elemento a considerar, no que respeita à importação de termos linguísticos franceses. Entre outros referimos Luís António Verney e, mais tarde, o Marquês de Pombal.

O desenvolvimento da burguesia, com o aumento das suas transacções, as representações francesas no Teatro Português (Freire, 1980) e o crescimento da importância da imprensa – “máquina” difusora das filosofias e ideais liberais, conduzem à Revolução Liberal de 1820.

A instabilidade política sentida em Portugal, devido às constantes quebras entre liberais e absolutistas propiciam o exílio de algumas figuras públicas, em particular para França, factor de grande importância, uma vez que vai influenciar não só a literatura portuguesa, mas também a língua. A “quebra das fronteiras” linguísticas vai, deste modo, potenciar a entrada de galicismos na língua portuguesa³⁴.

Os trabalhos que se podem consultar para verificação deste fenómeno linguístico são vários. Todavia, pareceu-nos relevante apresentar exemplos observáveis em *Os Maias*, uma vez que esta obra revela-se como um marco literário português. Eça de Queirós, romancista português do século XIX, faculta-nos um testemunho da sociedade, dos valores morais e da política da época. Igualmente interessante é o facto de esta obra veicular ideais, maioritariamente, franceses, aspecto que se reflecte na selecção vocabular realizada por Eça. Na obra em questão identificámos os seguintes vocábulos: *fumoir*³⁵, *distingués*³⁶, *robe-de-chambre*³⁷, *soirée*³⁸, *crochet*³⁹, *boudoir*⁴⁰, *cachez-nez*⁴¹, *coupé*⁴², *trottoir*⁴³, *cocottes*⁴⁴, *atelier*⁴⁵, *gourmet*⁴⁶, *blague*⁴⁷, *bibelot*⁴⁸, *rendez-vous*⁴⁹, *très-chic*⁵⁰, *chaise-longue*⁵¹, entre muitos outros que poderíamos referir.

1.5. Anglicismos

Ao efectuarmos uma pesquisa de galicismos em *Os Maias*, verificámos que o autor recorre também, na mesma obra, a palavras de origem inglesa,

³⁴ Note-se que a vaga de galicismos não se sentiu somente na língua portuguesa. A língua espanhola também viveu a mesma situação. Inclusivamente, Pedro Alvarez de Miranda refere a escassez de estudos que existe nessa área, referenciando este assunto da seguinte forma: “*Ya insinuamos más arriba que el tema de los galicismos dieciochescos, pese a su importancia, no hay sido metódicamente estudiado.*”. Cf. Álvarez de Miranda (1992, p. 63).

³⁵ Cf. Queirós. (1993, p. 9) “E, ao lado, achava-se o *fumoir*, a sala mais cómoda do Ramalhete [...]”

como *dog-cart*⁵², *sportman*⁵³, *starter*⁵⁴, *water-proof*⁵⁵, *high life*⁵⁶, *Good bye*⁵⁷, *clergyman*⁵⁸, *gentleman*⁵⁹, *shake hands*.⁶⁰

Na realidade, no século XX, “tocar piano e falar francês” começa a deixar de ser *très chic*, permitindo, desta forma, o florescer do léxico inglês na língua portuguesa. Assim, os anglicismos começam a entrar de modo cada vez mais crescente até aos nossos dias.

Nos anos seguintes ao pós-guerra, a língua inglesa tornou-se numa das línguas mais faladas em todo mundo. O conhecimento científico, o desenvolvimento tecnológico, o comércio, mais recentemente a nova economia e os meios de comunicação são factores que contribuem para este estado linguístico. Porém,

³⁶ Idem, Ibidem, p. 27. “[...] ambos muito bem e muito *distingués* [...]”

³⁷ Idem, Ibidem, p. 40. “Agora logo de manhã, subia para o quarto do príncipe, de *robe-de-chambre* e cachimbo na boca [...]”

³⁸ Idem, Ibidem, p. 41. “Depois, na *soirée* do baptizado de Carlos [...]”

³⁹ Idem, Ibidem, p. 43. “[...] fazia *crochet* ao pé do candeeiro.”

⁴⁰ Idem, Ibidem, p. 43. “Começou a passar as noites muito recolhidas, com alguns íntimos, no seu *boudoir* azul.”

⁴¹ Idem, Ibidem, p. 57. “Vilaça decidiu-se a desenrolar o *cache-nez*”.

⁴² Idem, Ibidem, p. 79. “[...] ele vira Monforte saltar de um *coupé* [...]”

⁴³ Idem, Ibidem, p. 79. “[...] ficaram hesitando, um defronte do outro, debaixo do candeeiro de gás, no *trottoir*.”

⁴⁴ Idem, Ibidem, p. 84. “[...] um Apolo de feira, que todas as *cocottes* se disputavam [...]”

⁴⁵ Idem, Ibidem, p. 90. “[...] tentou num *atelier* improvisado [...]”

⁴⁶ Idem, Ibidem, p. 102. “[...] ia-se tornando com a velhice um *gourmet* exigente.”

⁴⁷ Idem, Ibidem, p. 133. “Que *blague*, a medicina!”

⁴⁸ Idem, Ibidem, p. 148. “[...] eu não tolero o *bibelot* [...]”

⁴⁹ Idem, Ibidem, p. 150. “Quando ela faltou ao primeiro *rendez-vous* [...]”

⁵⁰ Idem, Ibidem, p. 156. “*Très chic*.”

⁵¹ Idem, Ibidem, p. 180. “[...] Alencar estirado numa *chaise-longue* [...]”

⁵² Idem, Ibidem, p. 311. “[...] depois um *dog-cart* governado por um homem gordo [...]”

⁵³ Idem, Ibidem, p. 319. “Era o famoso Clifford, o grande *sportman* de Córdova.”

⁵⁴ Idem, Ibidem, p. 320. “E foi ainda a voz do *starter* que deu o hurra mais vibrante [...]”

⁵⁵ Idem, Ibidem, p. 327. “Ninguém a conheceria, disfarçada num grande *water-proof* [...]”

⁵⁶ Idem, Ibidem, p. 335. “Eu ainda hoje não pude cavaquear com o *high life*!”

⁵⁷ Idem, Ibidem, p. 336. “*Good-bye*.”

⁵⁸ Idem, Ibidem, p. 349. “[...] filha de um *clergyman* [...]”

⁵⁹ Idem, Ibidem, p. 505. “Por vezes, entre esta malta, vinha algum *gentleman* [...]”

⁶⁰ Idem, Ibidem, p. 684. “João da Ega, fez-nos, no último *shake-hands* [...]”

há quem reflecta sobre esta situação, pois “o inglês, ao tornar-se a língua de sonho (da canção, do cinema, do computador, dos videojogos, da Internet), torna-se por esse simples facto mais sugestivo que o português e tenta-nos a usá-lo quando temos e quando não temos necessidade” (Malheiros, 2002, p. 6).⁶¹

Amadeu Torres (1990, p. 22) reconhece que há necessidade de travar a invasão das línguas francesa e inglesa, uma vez que considera estarmos bastante vulneráveis a ambas. No entanto, sublinha que não é necessário adoptar uma postura xenofóbica, mas sim um ponto de equilíbrio entre a “língua-glossa” e a “língua-logos”.⁶²

Apesar de concordarmos com a proposta do linguista, parece-nos que a língua portuguesa, actualmente, se encontra mais permissiva à entrada de anglicismos do que de galicismos. Vejam-se certos sectores de actividade como, por exemplo, a publicidade, a informática e a economia que, diariamente, apresentam um mercado frondoso, principalmente, através dos meios de comunicação.

2. O devir linguístico como processo

No início começámos por referir que a língua portuguesa é o resultado de um processo de sucessivas renovações lexicais que foram decorrendo, ininterruptamente, ao longo dos séculos. As alterações linguísticas acontecem porque a língua existe e vive através do seu funcionamento e do seu uso, pelo que através das marcas deixadas pelas sucessivas vagas dos povos que habitaram a Península, parece-nos lícito afirmar que os substratos e superstratos reflectem não só a história de uma língua, mas também a história de vários povos. Consideremos, para o efeito, a diversidade de povos encontrados na Península, quando da chegada dos romanos. Ora de modo mais profundo, ora de modo mais suave, o cunho linguístico perdura em ambas as situações, apresentando-se como um marco de cultura matricial (Fonseca, 1994).

O renascer dos antigos clássicos testemunha que a História e o passado não morrem, mas permanecem vivos na memória de um povo. O latim foi

⁶¹ No que respeita à necessidade do uso de termos linguísticos estrangeiros, verificámos, num estudo anterior, que em Portugal existem sectores de actividade profissional que adoptam elementos estrangeiros, em detrimento da língua portuguesa, por motivos sociais. Na realidade, foram bastantes as palavras constituintes daquele corpus que já se encontram adaptadas à língua portuguesa ou para as quais há termos equivalentes. Cf. Teixeira, M., “Para a identificação de uma matriz linguística no uso de estrangeirismos na Língua Portuguesa”. In: *Estudos de Linguística. Lisboa: Colibri*, no prelo.

⁶² Designação atribuída pelos gregos à língua que falavam e à língua que lhes falavam a eles, respectivamente.

alvo de uma revigoração, por parte dos sujeitos falantes, na medida em que estes, ou motivados pela cultura, ou pela vaidade ou ainda pela erudição, reiniciaram o seu uso.

A convivência entre a língua portuguesa e a língua espanhola, desencadeada pelo período Filipino (sessenta anos), também teve as suas consequências linguísticas, remontando às suas origens em que o português e o galego actuavam como um diassistema linguístico de carácter multimodo e complexo. Os italianos – herdeiros da língua latina – evidenciam a sua passagem em áreas particularmente de índole artística. Note-se os casos da arquitectura, literatura, música e pintura.

No que reporta aos galicismos, importa salientar que a conjuntura que enforma uma determinada época pode observar-se através da realidade literária. Contudo, os empréstimos realizados pelos portugueses aos franceses não se ficam somente pela influência literária e política,⁶³ mas abrangem igualmente palavras pertencentes a outras áreas que se cristalizaram na nossa língua, como são exemplos *culinária*, *fondue*.

Relativamente aos anglicismos, verificamos que a língua inglesa com o passar do tempo e devido à conjuntura económica, política e sociocultural dos países onde é falada, se impõe com alguma facilidade. Mas será que devemos perspectivar esta “imposição” como sendo económica, política e linguística ou serão todas elas no seu conjunto?

Note-se que, se por um lado acontecimentos ocorridos nos Estados Unidos da América atingem proporções mundiais, chegando a afectar todo o mundo, em particular a Europa, de forma por vezes calamitosa, como são exemplo as consequências do 11 de Setembro, por outro lado, também dos Estados Unidos vêm conceitos e filosofias de vida sem os quais, igualmente, o mundo, e sobretudo a Europa, teriam dificuldade de não os vivenciar. A sigla TMT – Tecnologia, *Marketing* e Telecomunicações –, tão conhecida no mundo financeiro e apadrinhada pela política internacional, que tanto contribuiu para o desenvolvimento económico, cultural e social, deixaria de ocupar o seu espaço e daria lugar a um fosso abismal entre os diferentes países que, afinal, constituem esta Aldeia Global em que vivemos.

A evolução das telecomunicações e o facto de o mundo “viver como um todo” potencia o contacto entre os povos, possibilitando um esbater fronteiriço mundial, que proporciona uma maior aproximação entre os indivíduos, pois os telemóveis e a internet, elementos representativos de progresso, são meios facilitadores do intercâmbio cultural.

⁶³ Refira-se, nesse caso, os ideais preconizados pela Revolução Francesa.

Actualmente, não é raro lermos na imprensa escrita e ouvirmos na imprensa fónica que a infra-estrutura que melhor poderá ajudar Portugal no seu crescimento é o turismo. Como é que esse serviço iria contribuir para a nação, se o conceito de *marketing*, importado de um país estrangeiro, não existisse?

Será que o uso de palavras estrangeiras se deve ao desconhecimento da língua portuguesa, por parte dos seus falantes, ou a importação dever-se-á, também, à necessidade de designar o que é novo?

Frequentemente, abrimos um jornal nacional, por exemplo o *Expresso*, e observamos um índice considerável de palavras estrangeiras *manager, executive coach, production manager, controller, slogan*,⁶⁴ entre outros. Ora se há conceitos/palavras cuja designação é portuguesa, verifica-se também que há outros para os quais não existe tradução. Parece-nos, então, que o uso de termos linguísticos estrangeiros não deve ser condenado, mas controlado. Ou seja, este uso deve observar-se sempre que haja necessidade, contribuindo, simultaneamente, para o enriquecimento do léxico. Claro é, por exemplo, o facto do termo inglês *slogan* se encontrar na sua forma original, uma vez que alguns dicionários (Casteleiro, 2001, p. 3430) já propõem *slógane*, mostrando, assim, a integração da palavra no léxico português. Contudo, podemos encarar este exemplo como um acto de relutância à “nacionalização” do elemento, de estética, ou simplesmente de desconhecimento.

As propostas, como o próprio nome indica, não são imposições. No entanto, há que realizar um exercício de reflexão para que conversas como a que a seguir transcrevemos⁶⁵ não ganhem espaço: “Depois do *coffee-break* fez-se um *breafing* para apresentar os novos números à Administração, pois o *budget* para o novo *layout* do *show-room* tem que ser reduzido, porque o orçamento para 2001 está no *break-even*.”⁶⁶

Bibliografia

- ADRADOS, F. (1975) *Linguística indoeuropea*. Madrid: Editorial Gredos, v. 1.
 ÁLVAREZ MIRANDA, P. (1992) *Palabras e ideas: El léxico de la ilustración temprana en España*, Premio Rivadeneira de la Real Academia Española. Madrid: Anejos del Boletín de la Real Academia Española.

⁶⁴ *Expresso* 18-09-2004.

⁶⁵ Excerto retirado de uma conversa telefónica, entre dois gestores de duas empresas.

⁶⁶ Teixeira. (2006, p. 176).

- BALDINGER, K. (1972) *La formación de los dominios lingüísticos en la Península Ibérica*. Madrid: Editorial Gredos.
- BIBLIOTECA DE AUTORES PORTUGUESES. (1983) *Compilaçam de todas obras de Gil Vicente*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- BLASCO, P. (s/d) *Les chançons de Pero Garcia Burgalés*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian – Centre Culturel Portugais.
- CANCIONEIRO DA AJUDA (1966) Edição crítica e comentada por Carolina Michaëlis de Vasconcellos. Torino: Bottega d'Erasmus, v. I.
- CASTELEIRO, M. (2001) *Dicionário de Língua Portuguesa contemporânea*. Lisboa: Verbo.
- CASTRO, I. (1991) *Curso de história da Língua Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.
- FONSECA, F. I. (1994) Ensino da Língua Materna: do objecto aos objectivos In *Gramática e pragmática. Estudos de Linguística Geral e Aplicada ao ensino do Português*. Porto: Porto Editora.
- FREIRE, A. (1980) *Técnicas de expressão do Português*. Braga: Gráfica de S. Vicente.
- IORDAN, I. et al (1972) *Manual de Linguística Românica*. Madrid: Editorial Gredos.
- LABOV, W. (2001) *Principles of linguistic change*. Oxford: Blackwell Publishers.
- LAPESA, R. (1984) *Historia de la Lengua Española*. Madrid: Editorial Gredos.
- LASS, R. (1997) *Historical Linguistics and language change*. Cambridge: University Press.
- LEÃO, D. N. (MCMXLV) *Origem da Língua Portuguesa*. Lisboa: Pró Domo.
- _____. (1983) *Ortografia e origem da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- LÜDTKE, H. (1974) *Historia del Léxico Románico*. Madrid: Editorial Gredos.
- MATIAS, F. (1995) *Aspectos da estrutura sociolinguística da cidade de Aveiro*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro.
- MAIA, C. (1992) A situação linguística da Galiza do Século XIII ao Século XV”. *Actas do Congresso Internacional de Cultura Galega*, p. 361-370.
- MAIA, C. (1995) *História da Língua Portuguesa*. Guia de Estudo. Coimbra: Faculdade de Letras.
- MALHEIROS, J. V. (2002) O inglês à transparência. *Jornal Público*.
- MARQUILHAS, R. (1996) A mudança linguística. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Isabel Hub Faria et al. (org.). Lisboa: Caminho. p. 563-588.
- MENÉNDEZ PIDAL, R. (1982) *Crestomatía del Español Medieval*. 3.ed. Madrid: Editorial Gredos, v. I.
- _____. (1976) *Orígenes del Español*. Estado Lingüístico de la Península Ibérica Hasta el Siglo XI. Madrid: Editorial Gredos.
- SILVA NETO, S. (1992) *História da língua portuguesa*. 6. ed. Lisboa: Dinalivro.
- PICCOLO, F. (1951) *Antologia della lirica d'amore Gallego-Portoghese*. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane.
- PIEL, J. M. (1989) *Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- QUEIRÓS, E. (1993) *Os Maias*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- SARAIVA, A. et al. (s/d) *História da literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- SEQUEIRA, F. J. (1959) *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 3. ed. Lisboa: Livraria Popular.

TEIXEIRA, M. (2006) La problemática de los prestamos lexicales en las lenguas. In: *Actas del V Congreso Andaluz de Lingüística General*. Granada: Método Ediciones, Universidad de Granada.

_____. (no prelo) Para a identificação de uma matriz linguística no uso de estrangeirismos na Língua Portuguesa. In *Estudos de Linguística*. Lisboa: Colibri.

_____. (2008) *A entrada de estrangeirismos na Língua Portuguesa*. Chamusca: Edições Cosmos.

TESSYER, P. (1993) *História da Língua Portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa.

TORRES, A. (1990) O ensino/aprendizagem do Português entre matizes idiomáticas e xenotrofia léxica. *Revista Portuguesa da Educação*, 3. I. E., p. 19-25.

TOVAR, A. (1949) *Estudios sobre las primitivas lenguas hispánicas*. Buenos Aires: Coni.

VASCONCELLOS, C. M. (s/d) *Lições de Filologia Portuguesa*. Lisboa: Dinalivro.

VÁZQUEZ CUESTA, P. et al. (1971) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições 70.

VILELA, M. (1994), *Estudos de lexicografia do Português*. Coimbra: Almedina.

WARTBURG, W. (1952) *La fragmentación lingüística de la Romania*. Madrid: Editorial Gredos.

ABSTRACT: This research is about lexicon, particularly foreign words, and it is based on a diachronic perspective. The goal was to demonstrate that the Portuguese Language, since early times, received many foreign words and, therefore, this linguistic phenomenon isn't recent. Having the intention of, simultaneously, showing the dynamic character of language, this article starts by establishing that substrates and superstrates are not only a reflexion of the History of Language but it is also the History of various peoples, due to the fact that successive ethnic groups left their linguistic legacy throughout the centuries in the Iberian Peninsula. Regarding Latinisms, it was possible to acknowledge that the past does not disappear, having the speakers the power of vitalising Latin and Greek lexicon during the *Renaissance*. The sixty years under Spanish rule had linguistic consequences, as well, since the Portuguese language and the Spanish language cohabited during this period. The greatest heirs of Latin Language – the Italians – bequeathed to the Portuguese Language a legacy of words mainly in the artistic domain. In relation to Gallicisms and Anglicisms, it is important to focus on the fact their influence are the result of an economical and political conjunction of events, and consequently, linguistic values which come from the countries where they are spoken. Many are the purists that use language as their nation's flag. However, it is through this historical perspective that it is possible to assume that the import of foreign words is a process that comes from the past without losing its identity.

KEYWORDS: Foreignisms; linguistic phenomenon; diachrony; identity.